

Tempo Presente

tempopresente@grupoatarde.com.br

Editora da Ufba é campeã do Brasil

O título de campeã brasileira, recentemente conquistado pela Editora da Universidade Federal da Bahia (Edufba), pode ser interpretado como o reconhecimento de um projeto vitorioso de difusão de conhecimento.

Seria temer errar calcular quantas publicações de qualidade editorial já teriam ido a prelo pelo selo Edufba, a maioria originárias de dissertações de mestrado e teses de doutorado defendidas na própria universidade de Edgard Santos.

Na semana de luto pela perda de Jeferson Bacelar, referência nas Ciências Sociais, coube a uma autora formada neste mesmo curso, a felicidade de voltar a ter seu trabalho laureado, depois de vencer o Prêmio Capes 2021.

Orientada por Messias Bandeira, doutora Hannah Bellini venceu a 11ª edição do Prêmio da Associação Brasileira das Editoras Universitárias: “Em busca de algo em que acreditar: identidade, islã e radicalismo na Inglaterra do século XXI”.

– Processos de radicalização e terrorismo são fenômenos que, embora amplamente midiatisados e debatidos, são pouco entendidos e refletidos em complexidade tanto no âmbito acadêmico quanto no senso comum – afirma a pesquisadora Hannah Bellini.

Segundo Hannah, o livro, “que trata da vinculação de jovens ingleses ao autoproclamado Estado Islâmico, tem sua ênfase em questões identitárias associadas ao multiculturalismo, à midiatisação e à globalização”.

O aspecto central do fenômeno não é a radicalização religiosa, mas, pode ser melhor descrito como uma busca por “algo em que acreditar”, como já sinaliza o título da tese/livro.

Não menos relevante é o livro “Suicídio, bioética e neoliberalismo: entre as éticas da vida e as políticas de morte”, de Luana Lima, vice-campeão brasileiro em Ciências Humanas, também pela Edufba.

“Espero que, com este Nobel, a sociedade reconheça a importância das ciências médicas e da pesquisa biomédica”

SHIMON SAKAGUCHI, imunologista japonês, integrante do trio vencedor do Nobel de Medicina de 2025, durante entrevista coletiva pós-anúncio do prêmio, ontem. Os pesquisadores destacaram também a importância de apoiar pesquisas de longo prazo e de valorizar a ciência básica

FOTO DO DIA



Carol Conrado / Ag. A TARDE

VOZ E DESCANSO | Na pele áspera da cidade, a arte de rua sussurra o que muitos tentam calar. Cada traço é voz que insiste, vibrando liberdade. No muro que a pressa não vê, cresce a resistência: ninguém repousa sem antes ser ouvido.

A arborização que todos querem – e os desafios que poucos enxergam

Ivan Euler Paiva

Mestre em Engenharia Ambiental Urbana e secretário de Sustentabilidade, Resiliência, Bem-Estar e Proteção Animal de Salvador

É comum ouvir que precisamos de árvores para amenizar o calor, garantir sombra nas caminhadas e tornar nossas ruas mais agradáveis. Essa percepção é verdadeira – e cada vez mais necessária em cidades que enfrentam ondas de calor mais intensas e frequentes. No entanto, essa é apenas a face mais visível da arborização urbana.

Mas são poucos os que conhecem o conjunto de benefícios que a arborização urbana oferece, e menos ainda os que reconhecem o tempo, o cuidado e a paciência exigidos para que uma árvore cumpra plenamente seu papel.

Uma muda plantada hoje ajuda a reduzir a poluição, melhora a infiltração da água da chuva, aumenta a umidade do ar, atrai fauna, diminui a sensação térmica e torna os espaços públicos mais humanos, acolhedores e vivos. Além disso, desempenha um papel decisivo na adaptação às mudanças climáticas, especialmente na mitigação das ilhas de calor que afetam regiões densamente ocupadas.

Mas há algo que me incomoda profundamente: os constantes atos de van-

Constantes atos de vandalismo prejudicam a arborização e o esforço por uma cidade mais verde e resiliente

dalismo que prejudicam o trabalho de arborização. Mudas arrancadas, troncos quebrados, tutor retirado, raízes expostas e danificação proposital. Cada uma dessas ações, aparentemente pequena, representa um atraso de anos no crescimento de uma árvore e compromete o esforço coletivo de construir uma cidade mais verde e resiliente.

Outro desafio é a impaciência. Vivemos uma época marcada pelo imediatismo, e muitas pessoas esperam que a árvore plantada hoje já esteja grande amanhã. Mas a natureza tem seu tempo. Uma árvore nasce muda, se fortalece, cria raízes, cresce e só então oferece sombra plena. Não existe árvore grande que não tenha sido pequena.

Plantar é apenas o início. Cuidar é tão importante quanto. Cada muda representa uma promessa de futuro: ruas mais verdes, ambientes mais saudáveis e uma

cidade mais preparada para enfrentar o clima extremo. Essa promessa só se concretiza quando a população ajuda a preservar o que foi plantado. Pequenos gestos – como evitar danos, não quebrar galhos, não retirar o tutor e denunciar o vandalismo – fazem uma diferença enorme no resultado final.

A Prefeitura de Salvador, por meio da SECIS, tem atuado com critério técnico, espécies adequadas, preparo de solo correto, plantio planejado e monitoramento contínuo. Ainda assim, nenhuma política pública alcança seu potencial máximo sem a parceria com a comunidade.

Se queremos uma Salvador mais fresca, mais verde e com mais qualidade de vida, precisamos cuidar das árvores desde cedo, com paciência e responsabilidade.

Cuidar das árvores é cuidar da cidade. E cuidar da cidade é cuidar das pessoas.

ESPAÇO DO LEITOR

opinio@grupoatarde.com.br

🇺🇸 Ameaças dos EUA

A recente ameaça dos Estados Unidos à Venezuela mostra que a América Latina, como um todo, é um território de desigualdade, frustração e populismo, onde há violência, corrupção recorrente e economias vulneráveis. O resultado é um revezamento cíclico entre populismo de direita e de esquerda. Brasil, Argentina, Venezuela, México, Peru, Chile e Colômbia experimentam oscilações bruscas, nas quais cada governo se elege como reação ao anterior. A política vira um pêndulo, ora punitivista e conservadora, ora redistributiva e estatizante. JOÃO MISAEL TAVARES LANTYER, LANTYER90@GMAIL.COM

🇧🇷 O Brasil em festa permanente

A partir de novembro, as cidades, os shoppings e as lojas se iluminam em preparação para as festividades natalinas e de final de ano. Observa-se uma diminuição no ritmo de trabalho, de treinos e de estudos. Tudo fica mais lento, com exceção dos planos individuais de mudanças radicais para o ano seguinte. Concomitantemente às festas universais, surgem celebrações locais, sendo o Festival de Verão de Salvador um exemplo proeminente. Já em janeiro, iniciam-se os ensaios de blocos e escolas de samba, e o País inteiro direciona suas atividades em torno do Carnaval até o final de fevereiro. Salvador, Rio

de Janeiro e Recife lideram, mas todas as cidades, clubes e condomínios promovem seus festejos próprios. Mal o Carnaval se encerra, as sanfonas nordestinas anunciam as festas juninas. Nesse período, o fluxo de pessoas entre regiões se intensifica: o Brasil se mobiliza para ir ao Nordeste, e o Nordeste se organiza para receber o Brasil. Os períodos dessas festas são longos, frequentemente aumentando sua duração e chegando, por vezes, a mais de um mês, como exemplificam os São João de Caruaru e Campina Grande. Além disso, existem os grandes eventos isolados que demandam a mobilização da administração pública em determinadas ci-

Essas festas [de fim de ano] servem, em grande parte, como um mecanismo de diversionismo ilusório, que desvia a atenção de problemas sociais graves

dades ou regiões: o The Town e Lollapalooza em São Paulo, o Rock in Rio, Parintins com seus bois famosos, a Festa do Peão de Barretos. Recentemente, a realização de um megashow em Copacabana, pela prefeitura do Rio de Janeiro, com um artista de primeira linha mundial, ilustra a magnitude dessas iniciativas. Estes são apenas exemplos de uma vasta gama de eventos, muitos dos quais têm suas imitações em todo território nacional. Somam-se a estas as festas religiosas anuais, que também canalizam as atividades e arrastam multidões. Durante o período da realização desses eventos, as emissoras de televisão adaptam suas grades para transmissões ao vivo. Agentes policiais são retirados dos já carentes bairros para reforçar o contingente nas imediações das festividades. Os governos, por sua vez, injetam grandes somas de dinheiro público, transferindo diretamente fortunas aos organizadores, muitas vezes sem controle efetivo, ou na contratação de artistas por valores estratosféricos. Em defesa desta festividade permanente, autoridades e especialistas argumentam que esses eventos geram recursos para os municípios e estados. No entanto, o impacto financeiro raramente atinge a população de modo geral. Lucram os comerciantes, os barraqueiros e alguns profissionais ligados ao tipo de festa, como costu-

reiras. Isto contrasta com o investimento em um hospital bem equipado, uma praça bem arborizada ou uma estrada bem asfaltada. Essas festas servem, em grande parte, como um mecanismo de diversionismo ilusório, que desvia a atenção de problemas sociais graves exatamente para evitar as reivindicações populares intensas por serviços básicos que ainda faltam a dezenas de milhões de brasileiros desassistidos. PEDRO CARDOSO DA COSTA, PEDCARDOSODACOSTA@GMAIL.COM

🇧🇷 Correios

Continua a saga dos Correios brasileiros, que já foram os melhores do mundo neste país continental. Um Sedex 10, outrora entregue até as dez horas do dia seguinte (daí o nome), agora demorou dez dias, como narrou uma usuária que, de Campo Largo, no Paraná, pagou R\$ 124,00 para um destino a Muriaé, em Minas Gerais, a apenas 780 km de distância. O quebra-cabeça não será montado em pouco tempo, o rombo é grande. O prédio dessa estatal, situado na Pituba, está abandonado e sendo depenado diariamente, conforme amplamente divulgado pelo noticiário. Já foi a leilão três vezes, mas, devido ao preço alto, não apareceu interessado. Urgem providências! LUIZ SANTANA, LUCARNOSAN@HOTMAIL.COM